



|                               |                             |                                |
|-------------------------------|-----------------------------|--------------------------------|
| <b>Veículo: O Liberal</b>     |                             |                                |
| <b>Data:</b> 08 e 09 /10/2016 | <b>Caderno:</b> Atualidades | <b>Página:</b> 10              |
| <b>Assunto:</b> Círio         |                             |                                |
| <b>Tipo:</b> Notícia          | <b>Ação:</b> Espontânea     | <b>Classificação:</b> Positiva |

## Fiéis lutam pela integridade da corda

### POLÊMICA

Pessoas mal-intencionadas insistem em violar ícone de fé

**VALÉRIA NASCIMENTO**  
Da Redação

**S**egurança. Essa é a palavra-chave quando o assunto é o corte da corda. Pelo quarto ano consecutivo, a Diretoria da Festa colocou nas ruas a campanha em rádios, jornais, TVs e redes sociais apelando para que não cortem esse ícone de promessa e fé. A intenção é conscientizar promesseiros e evitar o corte antecipado da corda nas procissões da Trasladação e do Círio, hoje, basicamente, por questão de segurança. A cena, no entanto, ainda é comum: todos os anos há o corte e a disputa de fiéis por um pedaço a ser levado para casa como troféu.

Agressões e ferimentos durante as romarias oficiais nunca foram registrados pela Polícia Militar nem pela Diretoria de Festa por causa do corte da corda com o uso de estiletes e facas usados por grupos específicos, já identificados pela Polícia Militar, como pessoas que não acompanham a procissão, mas se infiltram na romaria com o único propósito de romper a corda e vender os pedaços do sisal, de acordo com o tamanho obtido. Em geral, essa atitude, segundo a PM, ocorre em momentos que a corda para, já que a pressão das pessoas com a corda em movimento dificulta a entrada

dos infiltrados na corda.

Os grupos, conta a PM, costumam se infiltrar na romaria quando ela sobe a avenida Nazaré, sobretudo entre as travessas Dr. Moraes e Benjamin Constant. Diretor de Marketing da Festa de Nazaré, Oswaldo Mendes Filho diz que todos os anos a PM apreende estiletes e facas na posse de pessoas com a intenção de cortar a corda, mas que são liberadas de imediato. Mendes afirma que impedir o corte é o maior desafio da Diretoria da Festa com relação às procissões em respeito ao devoto que prometeu acompanhar o cortejo até o fim, firme à corda. "É quase uma utopia, mas nosso objetivo é zerar o corte da corda", assegura ele.

Para o bispo auxiliar de Belém, dom Irineu Roman, cortar a corda durante o percurso das romarias, além de ser uma atitude inconcebível para quem se diz devoto de Nossa Senhora de Nazaré ou para quem se diz pessoa bem educada, traz um grande perigo para os próprios promesseiros.

"São utilizados instrumentos cortantes, facas, estiletes e outras coisas semelhantes, tornando desse modo um caso de investigação e ação policial, os quais necessitam tomar medidas preventivas para coibir essas ações", diz o sacerdote.

Os apelos dos diretores e da Igreja, tendo à frente o arcebispo metropolitano de Belém, dom Alberto Taveira, que participa ativamente da campanha

contra o corte, têm obtido retorno. Nos últimos anos, segundo Oswaldo Mendes, o problema vem sendo resolvido. "É um perigo. A pessoa com a faca na mão até involuntariamente pode se ferir ou ferir alguém", comentou o diretor.

A Diretoria da Festa acredita que o verdadeiro promesseiro é seu aliado nessa questão, inclusive alguns cobram solução dos diretores. "O devoto que quer cumprir sua promessa quer que a corda siga firme até o fim", afirma Mendes. "Mas basta um para cortar. Seccionou, pronto, acabou. Não tem como segurar a estação", completa o diretor de Marketing, que disse ter sido promesseiro da corda por muitos anos, mas jamais cortou ou levou pedaços do sisal para si. "Na década de 80 não existia muito isso, não. Não lembro de tumulto por isso", recorda.

Para o antropólogo, professor e pesquisador da Universidade Federal do Pará (UFPA), Romero Ximenes, o Círio dá vazão ao sacrifício e nesse aspecto a corda tem função específica, mantendo-se um dos ícones mais importantes da procissão. Durante muito anos, lembra ele, as pessoas afirmavam que a corda estaria ficando violenta.

"Ah, as pessoas ferem as mãos, os pés no asfalto quente, afirmavam alguns. Enquanto os que não tinham a vivência do Círio pensavam isso, os jovens começaram a subir, de joelhos, a avenida Nazaré, dobrando a aposta no sacrifício, porque sabemos de uma coisa: o cristianismo é sacrifício", comenta o pesquisador.